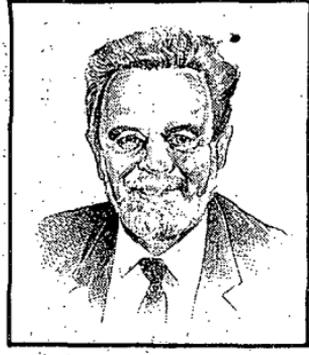


Márcio Moreira Alves

DE BRASÍLIA



Fim de festa

Fim de festa é isso mesmo. O chão fica coberto de lixo, os mais animados ainda arriscam um último tango, os que beberam demais dizem coisas desconexas ou dormem pelos cantos e a turma da limpeza já se prepara para o trabalho. Encerraram-se ontem, neste clima, os trabalhos da 49ª legislatura do parlamento brasileiro.

Os congressistas aprovaram o aumento do salário-mínimo para cem reais, como compensação ao aumento que se concederam de mais de cinco mil. Foram informados da conversa que Fernando Henrique tivera, pela manhã, com o vice-presidente Marco Maciel e o presidente do PFL, Jorge Bornhausen. O presidente declarara a sua disposição de vetar o aumento para impedir o agravamento do déficit da Previdência. Não foi preciso votação. O aumento passou por acordo de lideranças, o que significa não ter havido vozes discordantes. Traduzindo: ou os líderes do PSDB e do PFL, partidos governistas, estavam dormindo, ou concordaram em pôr o seu presidente numa sinuca política. Ambas as hipóteses são verossímeis.

A aprovação da anistia aos parlamentares que usaram indevidamente a gráfica do Senado, personificada em Humberto Lucena, não foi surpresa. Na sexta-feira, já a dava como certa, logo na abertura destas notas. Todavia, surpresas houve. O PC do B quebrou a unidade das esquerdas, votando a favor. O baiano Haroldo Lima justificou a posição lembrando a cassação dos deputados comunistas pelo Governo Dutra. Os seus correligionários seriam o alvo preferido das perseguições políticas e, portanto, recusavam-se a abrir um precedente. Sandra Cavalcanti despediu-se da Câmara dizendo só aceitar três tipos de cassação: a voluntária, pelo abandono da vida pública; a imposta pelo eleitorado, ao negar votos aos candidatos; e a votada por uma das casas do Congresso, contra um membro delinqüente. Cassação pela Justiça Eleitoral não admitia, por considerá-la intromissão do Judiciário nos negócios internos do Legislativo.

Para 262 deputados, ontem foi o último dia de Vossas Excelências. Alguns procuravam emprego, conversando com os colegas e oferecendo as suas especialidades. Outros faziam melancólicas despedidas, falando do trabalho realizado diante da absoluta indiferença

dos demais. A Mesa concedia-lhes a palavra para encher o tempo necessário a juntar-se o quorum deliberativo. Perguntei a um deputado conhecedor da casa o nome de um orador. Respondeu que não se lembrava, mas era de Minas. E acrescentou: "Não precisa se esforçar para saber, que ele perdeu a eleição e é dos que nunca mais voltam."

O PT foi o partido que mais queimou quadros em disputas majoritárias. José Dirceu e Aloizio Mercadante faziam uma despedida provisória. Dirceu vai dedicar-se à reorganização do partido em São Paulo. Mercadante recomeça as suas aulas na Universidade de Campinas. Voltou de dez dias no México impressionado não apenas com a hecatombe do modelo econômico ultraliberal como, sobretudo, com as suas conseqüências políticas. Acha que lá renasce o espírito distributivista e nacionalista latino-americano, que foi o do PRI da década de 30, liderado pelo general Cárdenas. O PRD, grupo social-democrata liderado por Cauthemoc Cárdenas, filho do antigo líder, vem recebendo adesões em massa de governistas desiludidos. Em alguns estados serão necessárias novas eleições, em virtude da rejeição popular aos governadores do PRI. Mercadante vai transmitir essas impressões aos seus interlocutores no Governo.

Outro preocupado com a situação dos nossos vizinhos é o ex-deputado Fernando Gasparian, administrador do Parlatino. No início da semana aproveitou a presença em Brasília de muitos parlamentares latino-americanos para derrubar uma articulação para eleger o chileno Carlos Dupré, democrata-cristão de direita, para a presidência da instituição. Lançou a candidatura de Gabriel Valdés, presidente do Senado do Chile e grande líder da resistência a Pinochet. O próprio Fernando Henrique fez o convite, assegurando o apoio entusiasmado do Brasil.

No fim do dia, cruzaram-se os derrotados com os recém-eleitos. O primeiro-secretário da Mesa do Senado, Júlio Campos, desistiu de sortear gabinetes, como prometera, alegando que a maioria dos novos já se arrumara com os antigos. Roberto Requião, que se recusara a barganhar um gabinete, promete a primeira briga da legislatura que se inaugura dia 1º. E dos tais que comem mel e cospem abelhas.